



A segunda chance de Lázaro

Alexandre Santos

Relato da última farra de Lázaro e de como ele ganhou uma segunda chance na vida.

Lázaro descobriu-se doente.

Um exame de rotina revelou um nódulo suspeito e, na sequência, exames complementares confirmaram o pior. Segundo o oncologista, na hipótese mais otimista, viveria mais seis meses. Era pouco, mas, a psicóloga dissera, suficiente para preparar a alma para a grande travessia e [preparar] o mundo para a sua partida. Além do espírito, que deveria cercar-se de paz e harmonia, era preciso cuidar de coisas objetivas como a papelada para facilitar o funeral, a transmissão de bens, o seguro, o pecúlio, esse tipo de coisa.

Isso, claro, se Lázaro fosse uma pessoa normal.

Mas, Lázaro não era uma pessoa normal.

Materialista e, de certa forma, egoísta, ele não acreditava na inflexão da vida para um mundo além desta existência e, sinceramente, pouco (ou nada) se preocupava com aquilo que ficasse na Terra após a sua morte, incluindo problemas e trapalhadas administrativas e judiciais. 'Cada um que cuide de si': esse era o seu lema. E, pensando assim e disposto a aproveitar os últimos momentos ao máximo, rejeitou todos os tratamentos e repousos propostos pelos médicos, fazendo questão apenas de anestésicos fortes o suficiente para poupar-lo de dores.

Lázaro queria viver a vida que lhe restava na Terra. Tudo e, se possível, muito mais.

E, pouco se lixando para o juízo final, desertou do emprego na prefeitura de Betânia, suspendeu os remédios contra os males menores (triglicerídeos, pressão alta e coisas assim), abandonou a igreja do padre José Ribeiro (por falta de tempo, diga-se de passagem) e mergulhou numa vida de boemia e perdição, trocando o dia pela noite, como os notívagos - mariposas, lobas, gatas, morcegos e bacuraus - com os quais passou a conviver. Talvez como forma involuntária de suicídio, Lázaro fez tudo o que não devia e, provavelmente como pirraça, em contraponto, deixou de fazer as coisas que a maioria julgaria certo.

E a vida de excessos entrou num crescendo.

Os cabarés, as farras, as bebidas e as companhias de sempre já não o satisfiziam. Provara de todas as mulheres (mais de uma vez) e, insaciável, queria conhecer outras. Depois de passar por todas as bebidas, percorrendo o gradiente inverso dos teores etílicos, Lázaro chegou ao absinto e, com alguma tristeza, percebeu que o álcool parecia não mais fazer efeito. Certa vez, experimentou o ópio, mas não se adaptou ao narguilé. E, assim, pulando de lupanar em lupanar, de vício em vício, conheceu e se fez conhecido por todas as mulheres da zona de Betânia, dos distritos de São Caetano do Navio e dos Remédios e,

mesmo, de Custódia. Se tornou popular na comunidade de bêbados, solitários, putas, cafetinas e degenerados que habitavam e circulavam por becos, porões e ruelas do submundo em geral e do baixo meretrício em particular.

Deixando as irmãs Marta e Maria cada vez mais preocupadas, Lázaro nunca chegava da farra antes do galo anunciar o raiar do sol. Pouco a pouco, reforçando a doença e os males que o acompanhavam desde sempre, a vida desregrada de Lázaro começou a deixar marcas e a cobrar prendas, emagrecendo-o, baqueando-o com cansado, ressaca e olheiras profundas. E, foi, assim, que, vendo o desmoronar do irmão, Marta e Maria remeteram carta pedindo a ajuda de José Carlos, um primo distante, que, mesmo sem ser médico, por obra e graça do Espírito Santo, era famoso por operar curas impossíveis.

Aliás, não era só no corpo que, potencializando a doença, a vida mundana deixava marcas em Lázaro. A boemia desregrada tatuava sequelas em muitos outros lugares, a começar pelo bolso - principal recanto afetado pelos altos custos da zona, especialmente na intensidade e no padrão das farras banhadas a vinhos de todos os tipos e animadas pelas borboletas de luxo feitas por Lázaro -, que, rapidamente, adquiriu cicatrizes profundas. Em poucos dias, submetido ao custo excessivo da nova vida, muito superior ao seu orçamento, Lázaro precisou fazer grande o malabarismo financeiro para nela permanecer.

Não foi fácil. Numa primeira etapa, Lázaro deixou de adquirir outros bens para concentrar toda a renda nas festinhas dos bordéis. Depois de usar todas as linhas de crédito automático oferecidas pelo banco, mergulhou fundo nos cartões de crédito e no cheque especial, logo, atingindo os limites disponíveis. Para outras pessoas, aquilo talvez representasse algum transtorno, mas, nos termos do materialismo e do egoísmo que o norteavam, interessado apenas em desfrutar as dispendiosas farras planejadas para os seus últimos dias, Lázaro não sentia qualquer remorso em contrair dívidas e mais dívidas. Assim, na sequência, exaurida a sua capacidade de endividamento, diante da negativa dos parceiros de farra a quem recorreu para pequenos empréstimos, caiu nas garras dos agiotas e teria vendido os bens de raiz - a casa e outros imóveis protegidos pela clausura do inventário - se não fosse a resistência de Marta e Maria.

Progressivamente mais cansado e, permanentemente imerso em ressacas, estranhando jamais ter sentindo as dores e o mal-estar próprios do avanço da doença para os quais fora alertado pelo médico, Lázaro decidiu fazer a maior farra da vida e, já sabendo estar sem dinheiro para pagar a conta ou qualquer coisa mais dispendiosa, reservou os derradeiros tostões para iludir mulheres e garçons com gratificações antecipadas, insinuando a hipotética generosidade como os recompensaria ao final do programa caso ficasse satisfeito com os serviços recebidos, e contratou o bordel favorito para uma festa privada e exclusiva, completamente às suas expensas. Pelo serviço contratado, queria tudo do bom e do melhor na quantidade pedida pelos seus convidados, pois "dinheiro não é problema", dissera à cafetina. A festa prometia. Abriu o bar logo cedo, ainda antes da hora do almoço, autorizando o consumo ilimitado dos seus convidados, e convocou as melhores putas de Betânia e cercanias para animar a farra. Como despedida, Lázaro queria a maior orgia já

realizada no Pajeú. E, foi o que aconteceu. Música, strip-tease, danças, shows, comida e bebida em abundância, sexo a vontade.

A festa rolava solta e, conforme liberado pelo anfitrião, cada um fez o que bem quis com quem bem quis. De sua parte, fazendo tudo o que prometera a si próprio, vivendo a despedida que sonhara desde a notícia da doença, depois de se esbaldar até vergar, Lázaro resolveu desafiar o fígado com o mais variado coquetel de bebidas pesadas. E bebeu, bebeu, bebeu. Bebeu até cair.

Repentinamente entorpecido, Lázaro desfaleceu e, sem responder aos estímulos e insistentes chamados, não mais acordou. A confusão foi grande. O corpo inerte de Lázaro jazia esparramado no meio do salão de festas do bordel, inspirando preocupações diferentes nos convivas: agiotas e cafetinas se perguntaram sobre o destino das dívidas pendentes; diante da iminência da abrupta interrupção da festa, bebuns se apressaram em, seguidamente, beber e reabastecer os copos até a inevitável segunda ordem; quengas mais fervorosas se juntaram no entorno das velas surgidas ninguém-sabe-de-onde em orações pela alma do boêmio desfalecido.

Pouco depois, avisadas pela cafetina-mor, em meio a uma explosão de choro incompatível com a previsibilidade da notícia esperada há tempos, antes de correr ao lupanar para resgatar o corpo de Lázaro, Marta e Maria ligaram para José Carlos.

- Sua vinda não é mais necessária, primo. Lázaro está morto - o tom queixoso sugeria reprimenda, como se, caso tivesse atendido ao chamado prontamente, José Carlos tivesse evitado aquele desfecho.

- Calma. Estarei aí hoje a tarde - disse José Carlos.

- Não adianta, primo. Não precisa mais vir.

- Esperem por mim. Lázaro estará conosco no jantar - concluiu José Carlos, interrompendo qualquer pensamento ou reação das primas.

Enquanto as irmãs não chegavam, as quengas e parceiros da farra organizaram um pequeno funeral, acendendo velas em torno do corpo e rezando sucessivas Ave-Marias intercaladas por comentários sobre as virtudes de Lázaro, que, segundo voz corrente, fora um "homem do bem" e teria morrido "embriagado e cercado de amigos e mulheres, como sempre quis". A interrupção da festa desmobilizou os convivas e, em poucos instantes - como, de modo geral, ocorre em todos os funerais - passada a curiosidade mórbida inicial, o salão esvaziou e o corpo ficou desacompanhado, entregue às moscas até a chegada dos familiares, o que só ocorreu no meio da tarde.

Passava das quatro quando, inconsoláveis e acompanhadas por um rapaz desconhecido, Marta e Maria chegaram ao puteiro. O rapaz era José Carlos, o primo distante, vindo de Sítio dos Cavalos, um distrito de Caruaru, especialmente para socorrer Lázaro. Aliás, ao contrário das primas, puritanas e pudicas - que, ressabiadas e sem esconder o embaraço, titubeavam em entrar no salão-palco-da-orgia, então transformado em câmara ardente -, sem qualquer vacilo, parecendo saber exatamente aquilo que o aguardava, sem

esperar convite, autorização ou companhia, sem demonstrar qualquer interesse ou curiosidade pelas mulheres sumariamente vestidas, apenas cumprimentando-as gentilmente, José Carlos cruzou o umbral e, desdenhando alguns olhares indiscretos em sua direção, se dirigiu ao corpo esparramado no chão.

- Levanta-te, Lázaro - disse José Carlos, sem fazer qualquer exame no corpo - Você não está morto, mas tomado pelo vício e pelo desespero. Venha comigo. Suas irmãs o aguardam.

E aconteceu aquilo que ninguém esperava.

Provocando arrepios, gritaria, desmaios e correria, sem esperar outro chamado, saindo da catatonia provocada pelo coma alcoólico, Lázaro voltou a respirar e, visivelmente tonto, levantou-se. Nos primeiros segundos, ainda marcado pela palidez cadavérica de instantes atrás, parecia assustado com tudo, especialmente com as velas que o cercavam. Como se jamais estivesse estado morto ou empenhado na farra homérica de instantes antes, Lázaro obedeceu e, inicialmente trôpego e alheio ao restante do mundo, seguiu José Carlos como um autômato, passando pelo cordão de bêbados e putas boquiabertas sem, sequer, despedir-se.

Naquela noite, como José Carlos dissera às primas, livre de qualquer dor, ressaca ou lembrança da grande farra, Lázaro jantou em casa. E, como se nada tivesse ocorrido, como se a visita de José Carlos não tivesse decorrido ou redundado em fato tão extraordinário, os primos conversaram como se vissem corriqueiramente, conversaram sobre tudo, menos sobre a doença e sobre a vida desregrada que Lázaro levava até o píncaro daquela tarde. Lázaro não deu ou pediu explicações; Marta e Maria não perguntaram como o primo conseguira chegar tão rápido à Betânia, como ressuscitara Lázaro ou como seria as suas vidas de ali em diante. Intencionalmente, talvez para não precipitar assuntos inconvenientes, deixaram as perguntas para um depois que ninguém sabe quando vai ser, mantendo as incertezas que fazem a vida como ela é. Comeram, beberam, jogaram conversa fora até tarde.

Por mais incrível que possa parecer, naquela noite, a despeito da doença, das dívidas, do vexame, da situação, todos dormiram tranquilos, sem qualquer alvoroço ou inquietação.

No dia seguinte, logo cedo, ao se despedir dos primos para a viagem de volta a Caruaru, sem qualquer alusão aos fatos que o tinham trazido a Betânia, José Carlos tinha um palavra de alegria e de conforto para cada um deles. Deixando dúvida no ar, usando parábolas de múltiplos entendimentos, José Carlos falou-lhes de uma segunda chance que as pessoas deveriam aproveitar e desfrutar da "melhor forma". E José Carlos partiu, prometendo jamais abandoná-los.

Ainda naquela manhã, junto com o carteiro, chegou a segunda chance falada por José Carlos.

Na carta dirigida a Lázaro, junto com um candente pedido de desculpas, o laboratório explicava ter havido engano no diagnóstico dos exames realizados no material nele colhido.

Em linguagem otimista, o laboratório dizia estar afastada a hipótese da doença terminal apontada há tempos e, como reparação por eventuais danos morais e abalos psicológicos, oferecia uma pequena indenização - uma quantia que, soube-se mais tarde, depois do rescaldo financeiro post-farra, correspondia ao exato valor das dívidas contraídas por Lázaro enquanto esteve sob a ameaça da morte.

Estava dada a segunda chance.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE)